



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10146 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT10 - Alfabetização, Leitura e Escrita

TRANSFORMAÇÃO DOCENTE: IMPACTOS DA VIVÊNCIA EM GRUPO DE PESQUISA SOBRE A PERSPECTIVA DISCURSIVA NA ALFABETIZAÇÃO

Claudia Cristina dos Santos Andrade - UFF - Universidade Federal Fluminense

Vanêsa Vieira Silva de Medeiros - CAP-UERJ

TRANSFORMAÇÃO DOCENTE: IMPACTOS DA VIVÊNCIA EM GRUPO DE ESTUDOS SOBRE A PERSPECTIVA DISCURSIVA NA ALFABETIZAÇÃO

RESUMO

Este trabalho apresenta reflexões resultantes de uma pesquisa sobre os processos de *transformação* docente, constituídos a partir das experiências das autoras em um grupo de pesquisa, em que se busca revelar os indícios da *transformação* das suas práticas pedagógicas alfabetizadoras, tendo como matriz teórica a perspectiva discursiva (GOULART, 2013, 2015, 2019), que se nutre das discussões travadas pelos teóricos do Círculo de Bakhtin (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1997; BAKHTIN, 2010, 2012; BRAIT, 2009, GERALDI, 1991, 2011; dentre outros). Dialoga-se com pressupostos da teoria histórico-cultural, especialmente como apresenta Smolka (1988, 2017). Partimos da ideia de que as narrativas autobiográficas (JOSSO, 2020) de cada participante do grupo constituem nossos processos *transformativos* em suas três dimensões (auto, hetero e ecoformação) como propõe Souza (2019), a partir de Bragança (2011). Buscamos em duas cenas autobiográficas o que se modifica em nossas ações pedagógicas, investigando seu percurso. As reflexões feitas nos levaram à ideia de que os caminhos de con-vivência percorridos pelo grupo de pesquisa, marcados pelo afeto e pelos debates teórico-práticos, não se resumem às discussões sobre conceitos, mas a formas de ver e perceber o mundo, mais humanizadas e responsabilmente éticas.

PALAVRAS-CHAVE: processos formativos, alfabetização discursiva, narrativas autobiográficas

TEXTO

Em seu texto “Para uma filosofia do ato responsável”, traduzido para o português por Faraco e Miotello(2012), Bakhtin nos apresenta a compreensão de que “o princípio arquitetônico supremo do mundo real do ato é a contraposição concreta, arquitetonicamente válida, entre eu e outro” (p.142). Tal arquitetônica não está pronta e consolidada, nos alerta o filósofo, em que nos colocamos passivamente, mas é sempre o “ainda-por-se-realizar”. A partir desta orientação pensamos a *transformação* docente (SOUZA, 2019 - mantivemos a grafia da palavra como a autora propõe) como algo que se dá no interior de cada indivíduo, mas em diálogo fundante com o Outro, e que se revela como outras/novas/inéditas possibilidades pedagógicas, que se constituem sobre diálogos constantes entre teoria e prática, realizados por

um grupo de pesquisa que se debruça sobre como se concebe e desenvolve uma proposta alfabetizadora em perspectiva discursiva.

Tais diálogos são tecidos com base em pressupostos que constituem balizas de uma metodologia discursiva do trabalho alfabetizador, dentre as quais destacamos as ideias de que: 1) os sujeitos da aprendizagem são concretos e marcados historicamente, constituídos na/pela linguagem e, 2) o trabalho docente dialoga todo o tempo com os conhecimentos que os aprendizes trazem, sua linguagem, formas de pensar e de atribuir sentido ao que lhes apresenta o mundo, em especial a escola.

O grupo de pesquisa nasceu do desejo de ampliar as discussões sobre a escrita, leitura e produção de textos e tem se debruçado sobre os textos de Bakhtin, produções teórico-metodológicas dos próprios membros do grupo e outros autores, tais como Smolka e Geraldi, que comungam da ideia de que o processo de alfabetização se desenvolve dialética e dialogicamente, de forma a produzir novos sentidos e percepções sobre o mundo, neles incluídas novas possibilidades para a ação educativa. No foco central está a análise da complexidade dos processos que acontecem em uma sala de aula, descrita especialmente nos relatos que trazem as/os professoras/es alfabetizadoras/es de suas experiências cotidianas, e a partir das quais sabemos de seus dilemas e conhecimentos.

Ressaltamos a ação de escrever sobre estas experiências como elemento fundamental no processo *transformativo*, pois faz com que tenhamos que escolher o que iremos relatar e as razões da seleção, refletindo sobre os acontecimentos à luz, também, do dialogismo bakhtiano, já que compreendemos cada enunciado discursivamente, ou seja, o enunciado “pressupõe enunciados que o antecedem e o sucedem. Nenhum enunciado pode ser o primeiro ou o último. Ele é apenas o elo na cadeia e fora dessa cadeia não pode ser estudado” (BAKHTIN, 2010, p.371). Os enunciados nos remetem às memórias que se fazem coletivas, gerando novos sentidos, em que o espaço coletivo funciona como “o lugar das afinidades e tensões e também das trajetórias comuns” (MIOTELLO, 2006, p.280). Instadas/os a repensar nossas opções metodológicas, recorreremos à re-leitura do material teórico que nos apresenta Bakhtin/Voloshinov e os autores que discutem as ideias advindas do Círculo de Bakhtin, assim como sobre estudos que contribuem para as reflexões feitas.

Neste processo contínuo, a partir das narrativas autobiográficas de professores/as alfabetizadores/as, membros do grupo de pesquisa do qual participamos, temos refletido sobre os processos de *transformações* e sobre as concepções teóricas que os sustentam, interrogando-as, assim como às nossas próprias ideias. Frases como “eu não pensava assim antes”, “fiz diferente depois da nossa conversa”, são indícios de *transformações* que impactam o cotidiano pedagógico de cada um dos membros do grupo.

Conforme apresentado por Josso em pesquisas e trabalhos que vêm desenvolvendo ao longo de seus estudos sobre o lugar das narrativas (auto)biográficas na pesquisa, no campo da educação elas podem impactar na “construção de um olhar renovado de si mediante práticas de alteridade”(JOSSO, 2020, p. 45). A autora traz como eixo de seus estudos o desenvolvimento das histórias de vida, destacando o importante papel das narrativas biográficas para a compreensão dos processos de formação, conhecimento e aprendizado. No Brasil esse paradigma vem ganhando força com os estudos realizados com Abrahão (2018), Souza (2018) e se justifica devido à dinâmica social em que vivemos, em que novos problemas pessoais e coletivos nos fazem repensar e rever constantemente nossas ações.

Na pesquisa em andamento do grupo de pesquisa ao qual pertencemos, as professoras são convidadas a apresentarem uma prática que tenha sido desenvolvida em sala de aula. A construção dessa narrativa para apresentação tem contribuído para pensar a prática em diálogo com outras vozes. Para nossa análise aqui neste espaço, escolhemos duas cenas, uma

de cada autora, buscando indícios dos enunciados evocados no/do grupo de pesquisa, e avaliando seus impactos em nossas ações, às quais faremos referência como Pesquisadora 1 e Pesquisadora 2 nos relatos que, em virtude das regras deste fórum, serão feitos em terceira pessoa.

Um aspecto que marcou profundamente a prática pedagógica da Pesquisadora 1 foi o de entender os textos produzidos pelos/as estudantes a partir do ponto de vista deles e enquanto processo de construção do conhecimento. Perguntas como “o que ele quis dizer com isso? Por que ele escreveu desse jeito?” têm ajudado a entender os caminhos percorridos por eles enquanto formas de dizer e expressar. Anteriormente, seu olhar sobre o texto dos alunos e alunas tinha como foco questões ortográficas e organização textual. A produção dos textos era observada de forma isolada, deixando de lado o sujeito e a sua história de vida.

Compreendendo, nas rodas de análise dos seus relatos, o sujeito-aprendiz como leitor e produtor de textos que vão além da escrita isolada, mas que se traduzem em muitas vozes, ela pôde compreender que, na perspectiva discursiva os sujeitos são percebidos como históricos e socialmente marcados, não podendo ser dissociados entre si.

A cena que nos apresenta a Pesquisadora 2 remete ao momento em que, juntamente com a mudança de local de trabalho, ela ingressa no curso de mestrado, passando a fazer parte do grupo de pesquisa. Se em outros lugares em que atuou como professora, o planejamento das atividades era marcado pelo conteúdo a ser ministrado, definido, muitas vezes, pela equipe pedagógica, no novo espaço em que passava a atuar “o que” seria ensinado e o “como” eram definidos por projetos de trabalho. Compreender tal procedimento se transformou no desafio a ser enfrentado, e um dos momentos de sua ressignificação foi a escuta do que trazia os/as estudantes em uma roda, em que cada um/uma apresentava a pesquisa feita sobre a vida de uma animal, quando um menino, de apenas sete anos, informou ao grupo que os filhotes de tubarões brancos eram tão agressivos que poderiam comer, uns aos outros, ainda na barriga da mãe.

Confrontada com o espanto que as crianças apresentavam, a docente solicitou que a criança explicasse melhor, mostrasse o texto, que foi lido para o grupo, com a ajuda da professora. O aprendizado sobre aquele assunto, naquele momento, não se limitou ao grupo de crianças, mas à própria docente, que pôde verificar a validade do conhecimento apresentado, compreendendo o que lhe dizia Smolka (1988, p. 113):

Acreditar que a alfabetização seja possível e viável - como trabalho e co-autoria na História - não leva, efetivamente, à sua realização. É preciso, na prática, *conhecer* e *conceber* formas de alfabetização condizentes com o momento histórico em que vivemos para operar transformações.

Assim, o espaço coletivo da discussão sobre cada história integra o que Bragança (2011) categoriza como heteroformação. Segundo sua teoria tripolar, Bragança (2011) compreende a autoformação como “a dimensão pessoal de reencontro reflexivo em que as questões do presente levam-nos a problematizar o passado e a construir projeto sobre o futuro”; já a heteroformação “aponta para a significativa presença de muitos outros que atravessam nossa história de vida, pessoas com quem aprendemos e ensinamos”; enquanto a ecoformação “aborda nossa relação com o mundo, o trabalho e a cultura” (BRAGANÇA, 2011 *apud* SOUZA, 2019, p. 43). Souza (2019) costura estes conceitos com a ideia de experiência, como a analisa Larrosa (2011), de forma a jogar luz sobre o sujeito da experiência e seus processos de *transformação*. Para a autora, tais processos são constituídos nas/a partir das narrativas docentes, vislumbrando a *transformação* “quando a formação experienciada nos desloca de nossas certezas e nos leva a travessia para possíveis mudanças, nos trazendo dúvidas e questionamentos constantes” (SOUZA, 2019, p. 50).

Partilhamos dessa ideia, vivenciando-a na prática de pesquisa e de con-vivência afetiva e acolhedora, dimensão fundamental que a participação no grupo de pesquisa traz a seus participantes. Momentos de angústia e aflições pessoais ou em decorrência do trabalho são acolhidos pelos participantes e podem ganhar um novo olhar com as contribuições apresentadas. Para além de discutirmos concepções teóricas e metodológicas, compreendemos nossas limitações e possibilidades.

É um espaço de estudo, mas também de fala, de muitas falas diferentes, amadurecidas e permeadas por muitas vozes.

Para finalizar destacamos o enorme e profícuo campo de pesquisa que pode representar o estudo das histórias de vida enquanto formas de entender e repensar o papel social desempenhado por nós.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Do Paradigma Tecnicista à Aventura (Auto)biográfica – Narrativa de uma Pesquisadora em Educação. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). A Nova Aventura (Auto)biográfica – Tomo II. Porto Alegre: Editora:PUCRS, 2018. p. 393-340.

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e Filosofia da Linguagem. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. Para uma filosofia do ato responsável. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2012.

_____; GARCIA, Inez H. M.; CORAIS, Maria Cristina (orgs). Alfabetização e discurso: dilemas e caminhos metodológicos. Campinas, SP:Mercado de Letras, 2019.

JOSSO, Marie-Christine. Histórias de vida e formação: suas funcionalidades em pesquisa, formação e práticas sociais.Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica, Salvador, v. 05, n. 13, p. 40-54, jan./abr. 2020. Disponível em <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/8423/5390>. Acesso em jun. 2021.

MIOTELLO, Valdemir. A memória do passado em jogo com a memória do futuro constitui sentidos agora. Daí que os projetos de dizer dos sujeitos têm importância. Veredas bakhtinianas – de objetos a sujeitos. São Carlos: Pedro & João Editores, 2006.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo. Campinas, SP: Cortez Editora, 1988.

SOUZA, Eliseu Clementino de. (Auto)Biográfica como acontecimento: vida, pesquisa e formação. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto et alii (Orgs.). A nova aventura (auto)biográfica - Tomo III, ediPuCRS, Porto Alegre. 2018. p. 107-139.

SOUZA, N.M. A Transformação em rede no ciberespaço: investigação das narrativas (auto)biográficas docentes digitais em diário virtual.153 f. Dissertação. (Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica). Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2019.